

QUANDO A VIDA VIRA TRABALHO: SUBJETIVAÇÃO E RESISTÊNCIA NO TECIDONEOLIBERAL EM “ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR”

CUANDO LA VIDA SE CONVIERTE EN TRABAJO: SUBJETIVACIÓN Y RESISTENCIA EN EL
TEJIDO NEOLIBERAL EN «ME ESTOY GUARDANDO PARA CUANDO LLEGUE EL
CARNAVAL

WHEN LIFE BECOMES WORK: SUBJECTIVATION AND RESISTANCE IN THE NEOLIBERAL
FABRIC IN “I AM SAVING MYSELF FOR WHEN CARNIVAL COMES”

Luciana Aparecida Silva de Azeredo*

Universidade Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais

Laís Camargo de Barros**

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este artigo analisa o documentário brasileiro *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), dirigido e escrito por Marcelo Gomes, a partir do incômodo provocado pelas formas de vida e de trabalho na cidade de Toritama (PE), conhecida

* Doutora em Educação, Mestra em Linguística Aplicada, licenciada em Letras Português-Inglês. Professora e pesquisadora na Universidade Federal de Ciência e Inovação de Minas Gerais (UFCIMG), antigo CEFET-MG. Líder do Grupo de Estudos Discurso e Subjetividade na Educação Profissional e Tecnológica (GEDS-EPT). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3709-2597>. E-mail: luciana.azeredo@cefetmg.br.

** Doutoranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Educação Tecnológica pelo PPGT/CEFET-MG, com bolsa CAPES. Bacharel em Direito pela PUC-MINAS. Advogada, especialista em Direito Digital pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante do Grupo de Estudos Discurso e Subjetividade na Educação Profissional e Tecnológica (GEDS-EPT). ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6660-7919>. E-mail: laissadvocacia@gmail.com.

como a “Capital do Jeans”. Acorado em referenciais foucaultianos, especialmente nas noções de governamentalidade neoliberal, condução das condutas e resistência, este texto problematiza os modos de subjetivação produzidos em um contexto marcado pela (auto)exploração, pela dissolução das fronteiras entre vida e trabalho e pela responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso. Metodologicamente, o artigo inscreve-se na Análise do Discurso de linha francesa, tomando cenas e enunciados do documentário como material de análise. Ao mesmo tempo em que evidencia a captura das subjetividades pela racionalidade neoliberal, expressa na aceleração do tempo, no empreendedorismo de si e na naturalização de jornadas exaustivas, o texto identifica gestos sutis de resistência, materializados em dizeres de personagens que sustentam outras temporalidades, práticas e modos de existência que escapam, ainda que parcialmente, à ditadura produtivista do jeans. Conclui-se que, mesmo em contextos de intenso assujeitamento, a resistência pode emergir nos pequenos gestos, nas recusas cotidianas e nas formas alternativas de conduzir a própria vida, produzindo fissuras na racionalidade neoliberal dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Governamentalidade. Modos de vida. Trabalho. Análise do Discurso.

RESUMEN: Este artículo analiza el documental brasileño *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (*Estoy guardándome para cuando llegue el carnaval*) (2019), dirigido y escrito por Marcelo Gomes, a partir del malestar provocado por las formas de vida y de trabajo en la ciudad de Toritama (PE), conocida como la “Capital del Jeans”. Anclado en referentes foucaultianos, especialmente en las nociones de gubernamentalidad neoliberal, conducción de las conductas y resistencia, este texto problematiza los modos de subjetivación producidos en un contexto marcado por la (auto)explotación, por la disolución de las fronteras entre vida y trabajo y por la responsabilización individual por el éxito o el fracaso. Metodológicamente, el artículo se inscribe en el Análisis del Discurso de línea francesa, tomando escenas y enunciados del documental como material de análisis. Al mismo tiempo que evidencia la captura de las subjetividades por la racionalidad neoliberal, expresada en la aceleración del tiempo, en el emprendimiento de sí y en la naturalización de jornadas extenuantes, el texto identifica gestos sutiles de resistencia, materializados en los dichos de los personajes que sostienen otras temporalidades, prácticas y modos de existencia que escapan, aunque parcialmente, a la dictadura productivista del jeans. Se concluye que, incluso en contextos de intenso sometimiento, la resistencia puede emerger en los pequeños gestos, en las negativas cotidianas y en las formas alternativas de conducir la propia vida, produciendo fisuras en la racionalidad neoliberal dominante.

PALABRAS CLAVE: Gubernamentalidad. Modos de vida. Trabajo. Análisis del Discurso.

ABSTRACT: This paper analyzes the Brazilian documentary *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (*I'm Saving Myself for When Carnival Comes*) (2019), directed and written by Marcelo Gomes, focusing on the unease provoked by the forms of life and labor in the city of Toritama (PE), known as the ‘Capital of Jeans’. Grounded in Foucauldian theoretical frameworks—particularly the notions of neoliberal governmentality, the conduct of conduct, and resistance—the article problematizes modes of subjectivation produced in a context marked by (self-)exploitation, the dissolution of boundaries between life and work, and the individualization of responsibility for success or failure. Methodologically, the study is situated within the French tradition of Discourse Analysis, taking scenes and utterances from the documentary as its analytical material. While revealing the capture of subjectivities by neoliberal rationality—expressed through the acceleration of time, the entrepreneurial self, and the naturalization of exhausting workdays—the analysis also identifies subtle gestures of resistance, materialized in the statements of characters who sustain other temporalities, practices, and modes of existence that partially escape the productivist imperative of the jeans industry. The article concludes that, even in contexts of intense subjection, resistance can emerge through small gestures, everyday refusals, and alternative ways of conducting one’s own life, producing fissures within the dominant neoliberal rationality.

KEYWORDS: Governmentality. Ways of life. Work. Discourse Analysis.

1 INTRODUÇÃO: DO INCÔMODO À REFLEXÃO

[...] hoje, estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer (Han, 2017, p. 119).

Este artigo surge de nosso incômodo ao assistir ao documentário brasileiro *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, com direção e roteiro de Marcelo Gomes, lançado em 2019. Partimos de alguns questionamentos iniciais, entre eles: Seria Toritama, uma cidadezinha no agreste de Pernambuco, lugar de gente feliz, tradução dada pelo pai do cineasta em sua infância, ou um lugar de

pedras, como aponta a etimologia da palavra (Tori = pedra; Tama = região), mencionada no próprio *site* da cidade? O que é de fato ser feliz? Seria esperar o carnaval chegar? É possível ser feliz trabalhando em condições insalubres, de 12 a 16 horas por dia, sem nenhum direito trabalhista assegurado, sendo pago conforme sua produção? O que é ser dono do seu próprio tempo? Trabalhar para/por si é realmente uma coisa boa? Por fim, a pergunta norteadora desta problematização¹: é possível vislumbrar gestos de resistência onde a subjetividade parece totalmente conduzida e capturada sub-repticiamente pelo neoliberalismo? Partindo da hipótese foucaultiana de que onde há poder, há possibilidades de resistência (Foucault, 1988), este artigo visa rastrear os gestos de resistência presentes no documentário, analisando-os à luz da Análise do Discurso de linha francesa, com o intuito de problematizar o modo de vida neoliberal.

Para isso, parte-se da compreensão de que o discurso como um acontecimento histórico, como um conjunto de “[...] regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística” o que pode e não pode ser dito e por quem (Foucault, 2008a, p. 136). Em outros termos, trata-se de “[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2008a, p. 132). Justamente por se situar nesse plano, o enunciado não se submete a critérios de verificação de verdadeiro ou falso, mas deve ser compreendido a partir das condições históricas que possibilitam sua emergência (Foucault, 2008a).

Nesse artigo, o olhar analítico volta-se para as condições de emergência dos discursos que atravessam o cotidiano de Toritama (PE), atentando-se para os modos pelos quais os sujeitos são interpelados a se reconhecerem como empreendedores de si, responsáveis por sua própria sobrevivência e sucesso. Tal movimento implica compreender o trabalho não apenas como atividade econômica, mas como dispositivo central na produção de subjetividades, articulado a uma racionalidade que valoriza a produtividade, a autonomia e a autogestão, mesmo em contextos marcados pela precarização.

2 A CAPITAL DO JEANS E O DOCUMENTÁRIO

O capital é a atividade em estado puro. Ele é a transcendência que se apodera da imanência da vida e a explora completamente. Ele reduz a vida a uma vida crua que trabalha. O ser humano é rebaixado a um animal laborans (Han, 2023, p. 43).

Toritama, cidade conhecida como a “Capital do Jeans”, fica localizada no agreste de Pernambuco, com 41.137 habitantes, sendo a menor em área territorial de seu estado, com apenas 25,704 km quadrados. Em 2022, de seus habitantes, apenas 7.740 ocupavam postos de trabalho formais, com uma renda média de 1,5 salários-mínimos. Seu Produto Interno Bruto (PIB) per capita, em 2021, era de R\$ 16.237,10, ocupando o 38º lugar no Estado. A cidade conta com 20 escolas de Ensino Fundamental e 5 de Ensino Médio, taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98,21 % em 2022, com um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 3,8 nas séries finais do Ensino Fundamental (IBGE, c2023).

Com relação à principal fonte de renda da cidade, seu *site* oficial nos informa que:

A produção e comercialização de roupas em jeans é a principal atividade econômica do Município de Toritama, que concentra mais de 3 mil empresas de confecções e mais de 50 lavanderias industriais, de onde saem aproximadamente 16% da produção nacional de confecções em jeans, cerca de 60 milhões de peças por ano. Toda essa roupa em jeans produzida em Toritama é escoada pelo Brasil através dos milhares de comerciantes, atacadistas e lojistas de diversos estados do país, que vêm semanalmente à Feira do Jeans fazerem suas compras e abastecerem suas lojas com o que há de melhor e mais atual da moda denim, direto na loja de fábrica. Situada às margens da BR 104, a Feira do Jeans de Toritama atrai milhares de visitantes pelo baixo preço e boa qualidade das confecções que são aqui produzidas e comercializadas nos quase 5 mil pontos de vendas [...] (Toritama) (Toritama, c2022a).

¹ “[...] uma análise das condições e dos desdobramentos de certas experiências históricas, tendo em vista as práticas que as engendraram e foram por elas engendradas” (Vinci, 2015, p. 206-207).

A nova identidade visual da cidade, constante na página inicial do *site* oficial, aponta-nos para o fio condutor do documentário: o tempo que não para, o tempo que, supostamente, é do próprio ser humano e pode ser por ele usado como bem entender. Porém, o cidadão da cidade não pode esquecer-se de que “Toritama tem ritmo, Toritama não para”, ritmo frenético das máquinas, dos humanos-máquinas, de segunda a segunda, do nascer do sol para além do pôr do sol, noite adentro, muitas vezes, até à exaustão.

Segundo informações obtidas, o novo logotipo procura integrar história (Pedra da Torre e Rio Capibaribe) e futuro/progresso (máquina de costura e pessoas rumo ao Parque Biblioteca Maria dos Anjos). Ademais as diferentes cores com que está escrito o nome da cidade faz remissão a um governo que governa para todos, sem qualquer distinção e, nas palavras de seu prefeito, Sérgio Colin (PP) “[...] unindo o que temos de mais valioso em nossa história com a nossa visão de uma cidade bem cuidada, sempre em busca de novas conquistas” (Blog Cenário, 2025).



Figura 1: Logotipo de Toritama

Fonte: Toritama (c2022b)

Para encerrar esta seção, salientamos que a perspectiva desenvolvimentista que emerge da nova identidade visual e do que é dito a seu respeito nos leva a questionamentos que não nos cabe (por falta de espaço e, principalmente, por não condizer com o escopo desta problematização), como: Quantas cidades como Toritama há no Brasil, na China, no Vietnã, no mundo? Qual a expectativa de vida dos cidadãos de Toritama? E quais problemas de saúde (físicos, psíquicos etc.) os acometem, como lesão por esforço repetitivo e *burnout*? Quantos deles têm acesso à Educação de nível técnico e superior? O que é feito com o lixo gerado pela produção têxtil? Há algum ócio ou lazer além do carnaval?

3 CONDUÇÃO DAS CONDUTAS, PODER-SABER E RESISTÊNCIA EM FOUCAULT

A obrigação de agir e, mais ainda, a aceleração da vida se mostram como um meio eficaz de dominação. Se hoje nenhuma revolução parece ser mais possível, talvez isso seja porque não temos tempo para pensar. Sem tempo, sem uma inalação profunda, segue-se repetindo o igual. O espírito livre padece (Han, 2023, p. 39).

Os moradores de Toritama parecem levar sua vida, estando ou não sendo filmados, “[...] como se alguém tivesse gritado ‘ação’ em um set de filmagem” (Saroldi, 2011, p. 149). Para eles, não há tempo a perder, pois “*time is Money*” ou “se ganha por produção” e, nesse fazer frenético, esvai-se a “[...] possibilidade de dominar livremente seu tempo, engolido que é pelas montagens quantificantes do social” (Birman, 1999, p. 267). Podemos dizer que a cidade pernambucana é um microcosmo do mundo neoliberal em que “[...] a autoexploração é essencialmente mais eficiente, muito mais produtiva que a exploração estranha, visto que caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (Han, 2017, 101).

Leo, um dos trabalhadores que relata sua experiência com o trabalho com o jeans e em outras atividades informais, como o corte de cana e de coco, afirmou, em relação ao dinheiro e ao capitalismo que “[...] quem nasceu para ter, que se dane; quem nasceu para não ter, se dane e não tem nada” (Estou... 2019, 26min40s). Em outro momento, explica que “[...] você ganha o que faz. Quanto mais você arrocha o nó, você ganha dinheiro. O negócio é trabalhar mesmo” (Estou... 2019, 16min11s).

Em diálogo com Foucault (2008b), essas falas nos remetem ao que ele denominou de *governamentalidade neoliberal*. Esse neologismo, criado ao fundir o governar (*gouverner*) e a mentalidade (*mentalité*), desenvolvido na quarta lição do curso *Segurança, Território e População*, ministrado por ele no Collège de France entre 1977 e 1978, enfatiza a “[...] interdependência entre o exercício do governo (práticas) e as mentalidades que sustentam tais práticas” (Fimyar, 2009, p. 38). Com esse neologismo, Foucault

(2008), segundo Alves (2019, p. 217), procura nos mostrar que existe “[...] um conjunto de procedimentos, cálculos e táticas que permitem o exercício de uma forma específica de poder”, cujo alvo principal é a própria população.

Mas esse governo não deve ser entendido apenas no sentido restrito de Estado exercendo poder sobre a população. Como aponta Foucault (2008b), governar não se limita à ação estatal, pois muita gente governa muita coisa, de modo que todos nós exercemos poder sobre os outros e sobre nós mesmos e/ou somos alvos desse poder nas mais diversas relações sociais.

Trazendo um breve contexto, em seus estudos sobre *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel (1532), Foucault (2008b) constata que não existe apenas um tipo de governo nem um único governador. Ele amplia essa noção ao mostrar que o governo também se dá nas práticas cotidianas, como o pai em relação à família, o pedagogo, o professor em relação à criança e, no caso do documentário, poderíamos acrescentar a relação entre os donos das facções sobre seus/suas trabalhadores/as e desses/as trabalhadores/as sobre si próprios para se manterem produtivos. O que está em jogo, portanto, é uma relação de poder que atravessa os sujeitos, sujeitando-os em redes “[...] contínuas de obediência, [...] pela extração de verdade que lhe é imposta” (Foucault, 2008b, p. 243).

Em *Vigiar e punir*, Foucault (1987) examina o poder que é exercido sobre os indivíduos pelas escolas, fábricas e quartéis, e percebe que as relações de poder têm influência direta sobre o corpo e, portanto, estão vinculadas ao campo político, uma vez que “[...] o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos” (Foucault, 1987, p. 31), sendo a governamentalidade “[...] o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (Foucault, 2001, p. 1064). Diante disso, Foucault (1979) afirma que o capitalismo socializa o corpo enquanto força de trabalho, e que o controle e regulação da população começa pelo corpo, com o corpo e não tão somente pela ideologia, sendo o corpo uma realidade biopolítica.

Aqui, é importante abrir um parêntese para dizer que o capitalismo pode ser entendido como um regime de produção, distribuição e apropriação da riqueza material (Proni, 1997) e seu sucesso ao longo do tempo dependeu de novas formas de mercado que expressam novas lógicas de acumulação (Zuboff, 2018). O neoliberalismo, por sua vez, caracteriza-se, entre outros aspectos, por produzir sujeitos autogerenciáveis. Nesse caso, não se trata apenas da condução do governo ou das instituições em relação aos indivíduos, embora isso aconteça, mas é, sobretudo, a relação de si, do autogerenciamento, do autoempreendedorismo (Dardot; Laval, 2016), como vemos materializado no documentário em análise.

Alguns autores como Dardot e Laval (2016) apontam o liberalismo como precursor do neoliberalismo. Esses autores ressaltam que este não é um simples herdeiro que preserva todas as suas características, até porque, enquanto o liberalismo debate os limites do governo político e do mercado, o neoliberalismo preocupa-se, sobretudo, em transformar o mercado no princípio orientador tanto do governo dos indivíduos quanto do governo de si. Inclusive, no curso *Nascimento da Biopolítica*, Foucault (2008c) identifica o liberalismo como a razão da racionalidade biopolítica, isto é, uma governamentalidade fundamentada na regulação das condutas individuais conforme “[...] a regra interna da economia máxima” (Foucault, 2008c, p. 318), pois o liberalismo não seria o que permite às pessoas serem livres, no sentido de fazer o que elas quiserem. Pelo contrário, uma vez que o liberalismo se propõe a fabricar a liberdade a todo instante, até os momentos de crises seriam criados/fabricados.

Há, nesse sentido, uma reprogramação da *governamentalidade liberal*, uma reformatação do liberalismo que tem como finalidade modificar a estrutura de maneira discreta e forte e, ao mesmo tempo, “[...] o que se procura obter não é uma sociedade submetida ao efeito-mercadoria, é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial [...]” (Foucault, 2008b, p. 201). Assim o *homo oeconomicus* que se pretende é o homem da empresa e da produção. Isso significa que o modelo empresa estaria em todas as relações, generalizado no social, nas microrrelações, dentro de uma casa ou de uma escola, em relação à comunidade, à vizinhança, entre outros, e, no caso de Toritama, nas facções, nas empresas, na Feira do Jeans, “como modelo de subjetivação” (Dardot; Laval, 2016, p. 15).

No documentário, observa-se como os limites entre casa e trabalho se dissolvem, transformando as moradias em fábricas, denominadas facções. Na Figura 2, por exemplo, em um cômodo da residência, um homem e uma criança almoçam, enquanto, ao fundo, em outro espaço, uma mulher opera a máquina de costura. Essa justaposição de esferas entre o lar e o trabalho pode evidenciar como o cotidiano é atravessado pela lógica da produção, de modo que o espaço íntimo da família se converte, em certa

medida, em um espaço produtivo, caracterizando, de certa forma, o que Foucault (2004, p. 231) já havia dito de que temos “[...] uma sociedade feita de unidades-empresas”.



Figura 2 : Cena de um almoço em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

Fonte: Captura de tela do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (21 min 45 s)

Assim, nesse contexto neoliberal, difunde-se a lógica empresarial também nas esferas pessoal e educacional, incentivando cada sujeito, por vias explícitas ou sutis, a tornar-se um empreendedor de si. Com isso, consolida-se a noção de que sua (auto)realização e bem-estar estariam unicamente condicionados a seus próprios esforços e à sua aparente liberdade de decidir (Azeredo; Mascia; Silveira, 2023).

Em outro momento, uma trabalhadora relata que é ela quem define seu próprio horário, ou seja, poderia “[...] entrar e sair a hora que quer” (Estou..., 2019, 17min20s), justificando que “[...] o melhor é trabalhar pra você mesmo [...]” (Estou..., 2019, 17min20s). Mais adiante, outra trabalhadora acrescenta, “[...] começo a trabalhar sete horas [...] vou até às sete [da noite], daí volto pra casa, faço a janta, e volto pro trabalho. Às vezes, vou até às dez [da noite]” (Estou..., 2019, 18min). Essas falas que, a princípio, poderiam ser interpretadas como expressão de autonomia sobre o próprio tempo, nos remetem, na prática, a uma rotina marcada pela (auto)exploração e pela sobreposição incessante entre vida doméstica e laboral.

O “trabalhar para si mesma”, nesse contexto, não se traduz necessariamente em liberdade, pois, como demonstra a trabalhadora que detalhou sua rotina, essa suposta autonomia resulta em jornadas que podem variar entre doze e quinze horas diárias. Além disso, é importante observar que essas conversas com Marcelo Gomes acontecem, em sua maioria, enquanto os/as trabalhadores/as estão em plena atividade, o que, ao nosso entender, pode reforçar a imagem de um trabalho contínuo, repetitivo e extenuante, ao qual os/as moradores/as estão cotidianamente submetidos/as, consonante com o lema da cidade “Toritama tem ritmo, Toritama não para”.

Percebe-se que os dizeres dos trabalhadores/as entrevistados/as, em certa medida, apresentam forte convergência, revelando que os modos de pensar e viver podem ser bastante semelhantes. É como se todos pensassem e vivessem da mesma forma, como a denominação proposta por Léo: “[...] meu nome é Trabalho, apelido Hora Extra” (Estou..., 2019, 15min49s). Como aponta Foucault (1979), os discursos tidos como verdadeiros e aceitos em uma sociedade podem se manifestar por meio dos comportamentos, das linguagens e dos valores e, nesse sentido, podem traduzir as relações de poder que possuem a capacidade de ao mesmo tempo produzir sentidos e aprisionar os indivíduos. Isso ocorre porque, para o autor, o exercício do poder está diretamente relacionado à produção de saberes, sendo o poder em Foucault não apenas algo que somente reprime, uma vez que também produz coisas, como o prazer, o saber, o próprio discurso, os sujeitos de que precisa. Nessa perspectiva, o poder se mantém como uma grande rede na sociedade (Foucault, 1979).

Ainda sobre poder, em uma de suas proposições, Foucault (2008b, p. 4) o compreende como sendo “[...] um conjunto de mecanismos e de procedimentos”, cuja função é manter, mesmo que não o consiga, o poder. Todavia, o poder não é subsistente, tampouco nasce de si mesmo, embora seja parte intrínseca de todas as relações que conhecemos como as relações familiares, sexuais, de produção, Estatal, entre outras (Foucault, 2008b).

Tal perspectiva permite compreender “como” os saberes se legitimam, determinando discursos e estabelecendo, a partir deles, relações de poder. Para Foucault, o conhecimento não nasce da essência do homem, mas é algo inventado e, por isso, atribui-se poder àqueles que conseguem legitimá-lo. O saber é, assim, resultado de disputas e confrontos, em que cada sujeito busca impor sua própria norma como se fosse universal (Foucault, 2013 *apud* Bordin, 2014).

Percebe-se que os/as trabalhadores/as podem até se colocar em concorrência uns com os/as outros/as, mas sobretudo com eles/elas mesmos/as, na medida em que são levados/as a acreditar que são livres. Na realidade, contudo, essa sensação de liberdade é produzida e moldada de forma a direcioná-los/as a determinados tipos de escolha como a de “trabalhar para si” em rotinas exaustivas, em busca de um sucesso que não se sabe se vai chegar e/ou de um mísero prazer no Carnaval para o qual é necessário vender televisões, geladeiras, entre outros e/ou recorrer a agiotas. Assim, essa *governamentalidade neoliberal* vai conduzindo os/as trabalhadores/as, orientando e regulando dentro de uma lógica previamente delimitada (Azeredo; Mascia; Silveira, 2023). Vivem/Vivemos, como aponta Matos (2008), em um mundo que é, ao mesmo tempo de hiperatividade e de apatia, de exaustão que não possibilita o exercício do pensamento e da imaginação, levando a uma hiperatividade vazia e também destrutiva, a “[...] um encolhimento do ‘espaço para experiências’ na vida social e de liberdade” (Matos, 2008, p. 456).

Pode-se afirmar que outro aspecto característico da *governamentalidade neoliberal* é o incentivo ao investimento em si mesmo, ou seja, a transformação da própria experiência pessoal em mercadoria. No documentário, é apresentada a figura do “Veio do Ouro” (Estou..., 2019, 46min), que produz jeans inspirados em seu próprio estilo, sendo ele, “[...] um manequim vivo das suas próprias criações” (Estou..., 2019, 46min36s). Ao ser questionado sobre suas roupas, ele explica que “[...] eu faço e uso e aí o povo vê e aí depois eu faço para ele [o povo] porque eles pedem, aí eu vou e faço” (Estou..., 2019, 47min). Nesse caso, o corpo e o modo de vestir tornam-se parte do processo produtivo, funcionando como vitrine e estratégia de marketing de si.

Ao tratar de um outro modo de governamentalidade, a *governamentalidade algorítmica*², que não é o foco central deste artigo, Antoinette Rouvroy (Alves, 2021) observa aspectos que nos remetem diretamente ao trecho do documentário sobre o “Veio do Ouro”. Ela aponta que, na contemporaneidade, há um fascínio por marcas e pelo *branding*, que, de certa forma, todos nós nos produzimos como marcas, engajados em um processo de *self-branding* que, em uma tradução livre, seria *marca própria/marca pessoal*, em um movimento em que as pessoas possuem uma gestão de si como marcas, quase como um traço de identidade, que são vendidas e consumidas (Alves, 2021).

No artigo intitulado *The Brand Called You* (em português, *A Marca Chamada Você*), Tom Peters (1997) cunhou o termo *marca pessoal* para abordar a possibilidade de as pessoas gerirem sua própria autoimagem. Segundo ele, cada indivíduo poderia se aperfeiçoar continuamente para projetar uma imagem capaz de transmitir valores, estando sempre preparada para atender às demandas de seus consumidores. Nesse sentido, seria possível dizer que as identidades são atravessadas por esse discurso de autogerência, mas também sobre as próprias mercadorias, como no caso do documentário, o jeans, e com as sensações que estas lhes proporcionam.

Essa lógica pode ser vista quando o ‘Veio do Ouro’ afirma que tem “[...] calça azul, calça vermelha, calça amarela, tudo [...] eu gosto é de luxar” (Estou..., 2019, 47min40s). O verbo “luxar” parece não dizer respeito ao significado dicionarizado, associado à medicina/ortopedia; ele remete ao ato de ostentar bens materiais, associado a *status*, prestígio, aceitação e/ou poder. O consumo, nesse sentido, pode ser entendido como “[...] uma ferramenta de estabilização, identificação e expressão da subjetividade” (Silva; Gomes; Maricato, 2014).

Inclusive, essa fala também pode evidenciar o deslocamento do poder. Se, antes, nas sociedades disciplinares descritas por Foucault (1987) em *Vigiar e punir*, o poder operava pela imposição de regras e pela normalização dos corpos e comportamentos, agora, ele assume novas formas. Como observa Deleuze (1992) em *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, no final do século XX, as instituições disciplinares já não constituíam o principal mecanismo de poder. O que emerge, em seu lugar, é a sociedade de controle,

² A *governamentalidade algorítmica* é uma atualização da noção foucaultiana de *governamentalidade*, formulada por autores como Antoinette Rouvroy e Thomas Berns. Refere-se a um modo de condução das condutas que se fundamenta no processamento automatizado de grandes volumes de dados, no qual existe a coleta, a correlação e a análise preditiva de dados produzindo perfis e probabilidades que orientam decisões e antecipam comportamentos (Rouvroy; Berns, 2013).

na qual o poder não depende mais de muros ou confinamento, mas captura continuamente os sujeitos por meio de dispositivos financeiros, tecnológicos e informacionais, inserindo-os em relações permanentes de dependência. Desse modo, “[...] o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (Deleuze, 1992, p. 3).

Não se trata, nesse sentido, de uma simples substituição de instituições, mas de uma reconfiguração mais ampla das formas de organização social, na qual a fábrica cede lugar à empresa. Esta deixa de ser um espaço delimitado para se expandir e atravessar a vida dos indivíduos, de modo que família, trabalho e o próprio sujeito já não operam como instâncias separadas, mas como variações de uma mesma racionalidade, funcionando como “[...] figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa” (Deleuze, 1992, p. 3). Nesse contexto, o sujeito encontra-se permanentemente implicado em relações de obrigação, de desempenho e de responsabilização, ao mesmo tempo em que a liberdade passa a se manifestar como a exigência de escolher, de se gerir e de se responsabilizar continuamente por si mesmo.

A esse respeito, Han (2018, p. 9) nos alerta sobre a exploração da liberdade, alegando que, na contemporaneidade, temos a ilusão de que não somos submissos, mas sim

[...] projetos livres que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito a projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. E esse projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma forma mais eficiente de subjetivação e sujeição. O 'eu' como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização.

Livre das coerções dos contratos trabalhistas, da obrigação de bater ponto, mas submetidos à lógica do quanto mais produz/trabalha, mais ganha, que os/as impele a concorrer consigo mesmos/as, como observamos no dizer de uma das costureiras que, ao ser questionada sobre como funciona o trabalho, responde: “[...] se você fizer 100 bocas de bolso, você ganha 10 centavos; se fizer 100 bocas de bolso no dia, você ganhou 10 reais; se fizer 1000 bocas de bolso, você ganhou 100 reais” (Estou..., 2019, 20min30s).

Cabe, antes de passarmos à seção seguinte, destacar que essa dinâmica, marcada por um ritmo intenso de trabalho e por condições frequentemente precárias, não se restringe às representações documentais. Reportagem recente do site *Proteção* destaca que o Ministério Público do Trabalho de Pernambuco se reuniu com municípios para discutir as condições de trabalho no polo de confecções, apontando a necessidade de enfrentamento das jornadas exaustivas e da informalidade que atingem trabalhadores/as da região (Pires, 2024).

Ainda no âmbito jurídico, essa discussão remete à Portaria nº 1.129 do Ministério do Trabalho, que definiu os conceitos de trabalho forçado, jornada exaustiva e condições análogas às de escravo (Brasil, 2017). Conforme observa Luiz Calegari (2017), essa portaria representou um retrocesso no combate ao trabalho escravo contemporâneo, ao dificultar o acesso à chamada “lista suja”³, alterar o modelo de fiscalização e criar brechas que poderiam comprometer a comprovação e a punição dos responsáveis por tais violações. Inclusive, diante disso, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu esta portaria em dezembro de 2017, por meio de liminar, reconhecendo seu caráter excessivamente limitador. Posteriormente, a portaria foi revogada pela Portaria da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPT) (Brasil, 2019).

Todavia, como sugere Foucault (2008b), onde há poder, há também resistência, contraconduta. Uma das formas dessa resistência pode ser a busca por maneiras outras de governar a si mesmo, estabelecendo formas alternativas de distinguir o verdadeiro do falso. Trata-se, portanto, de refletir sobre como resistir ao poder e, ao mesmo tempo, como conduzir a si mesmo dentro dessas regras, ou seja, de considerar a ética como prática concreta no cotidiano (Azeredo; Mascia; Silveira, 2023). No documentário, identificamos quatro moradores de Toritama que, sob nossa análise, parecem esboçar gestos de resistência, ainda que ínfimos, à ditadura do jeans, sobre o que falaremos a seguir.

³ A lista denominada de “Lista Suja” diz respeito a lista de empregadores que tenham submetido trabalhadores a condições análogas à escravidão (Brasil, 2024).

4 A RESISTÊNCIA AO JEANS

Sem um momento de hesitação ou de contenção, o agir se degenera em ação e reação cegas. Sem repouso, surge uma nova barbárie. É o silenciar-se que dá profundidade à fala. Sem o silêncio, não há música, mas apenas barulho e ruído (Han, 2023, p. 11).

Conforme mencionamos, uma das formas dessa resistência pode ser a busca por novas maneiras de governar a si mesmo e, no documentário, identificamos quatro figuras que, sob nossa análise, parecem resistir ao barulho ensurdecedor das máquinas de costura, ao ritmo de trabalho frenético e exaustivo, ao produtivismo desenfreado do jeans. É sobre eles e seus gestos de resistência que nos debruçaremos nesta seção.

O primeiro é **Seu João**, um senhor da zona rural de Toritama, descrito pelo narrador como “[...] a única pessoa em Toritama que tem tempo para olhar para o céu e esperar a chegada da chuva” (Estou..., 2019, 31min47s). Seu João parece encarnar uma forma de resistência ao ritmo acelerado e produtivista que atravessa a cidade. Enquanto a maioria dos moradores se engaja intensamente na lógica do trabalho e do consumo, ele se posiciona de modo distinto, sustentando um tempo outro, o tempo da natureza, do ciclo da chuva, do cultivo da terra. Assim, sua prática cotidiana pode revelar que a resistência não precisa necessariamente assumir a forma de enfrentamento direto, mas pode emergir de gestos sutis que afirmam outras maneiras de viver, pensar e sentir, escapando, ainda que parcialmente, daquela racionalidade do jeans dominante.

Ao falar sobre resistência, Revel (2005, p. 74) afirma que “[...] a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte”. Resistir, nesse sentido, seria o oposto de reagir, significa criar possibilidades dentro da realidade que se impõe. Nas palavras de Foucault (2022, p. 360), “[...] para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente”. Nesse sentido, sua espera pela chuva, em contraste com a aceleração temporal da indústria das confecções em Toritama, abre espaço para pensar outras racionalidades possíveis, capazes de instaurar fissuras nas engrenagens que buscam totalizar os modos de existência.

A segunda é **Dona Adalgisa**, nascida e criada na zona rural, que, ao ser questionada se trabalhava com jeans, enquanto duas outras senhoras costuravam em uma casa-empresa, respondeu que “[...] não, Deus me livre, sou agricultora” (Estou..., 2019, 33min50s). Sua resposta pode evidenciar uma recusa em aderir à lógica produtiva que domina a cidade e, ao mesmo tempo, reafirmar uma identidade vinculada à terra e à agricultura. Da mesma forma que Seu João, sua fala nos remete a vínculos com a natureza, com o trabalho agrícola e com a temporalidade da terra, em contraste com o tempo acelerado da produção têxtil.

A terceira figura é **Leo**, já citado anteriormente. Embora seu discurso, muitas vezes, possa refletir a lógica da governamentalidade neoliberal, percebemos que ele ainda busca melhores condições de trabalho, autonomia de horário e “liberdade”, mesmo que isso implique participar como pedreiro da construção de uma nova facção.

Adotaria Leo uma espécie de cumplicidade estratégica como um escudo, por um lado, procurando viver na/pela lógica do jeans, por outro, tentando escapular por meios variados, como tirando uma soneca em pleno trabalho? A esse respeito, Souza (2018), ainda que abordando um tema bem diverso do nosso – o Programa Ciências Sem Fronteiras, nos auxilia muito na problematização proposta. Segundo o autor, a cumplicidade estratégica transita entre os interesses individuais e os interesses coletivos e, sendo intencional ou não, pode ser interessante. Porém, o autor alerta que em meio a cumplicidades altamente perigosas, a crítica e a autocritica são necessárias em termos de vigilância epistemológica, de uma necessidade constante de autorreflexão, de um sujeito criticamente consciente (Souza, 2018). De acordo com o Souza (2018 p. 212, tradução e grifo do autor), “[...] ser estrategicamente cúmplice com a *doxa*, o que objetiva minimizar seus efeitos, envolve NÃO negar o que é exterior à *doxa* (justiça social, coletividade), ao invés, fazê-lo envolve negar o próprio processo de negação que dá sustentação à *doxa*”⁴. Leo, por falta de estudo e/ou pela exaustão, possivelmente não esteja suficientemente vigilante para não sucumbir nas relações de poder-saber em que somos

⁴ No original: “[...] being strategically complicit with the *doxa*, which aims to reduce its effect, thus involves NOT negating that which is exterior to the *doxa* (social justice, collectivity); rather, by doing this, it involves negating the very process of negation, which sustains the *doxa*” (Souza, 2018 p. 212).

enredados, que objetivam/subjetivam os habitantes de Toritama (e a todos nós). Ainda assim, Leo tenciona as tramas de poder e saber toritamenses.

Por fim, a quarta figura é **Canário**, o guardador de rebanhos, que sabe de cor os nomes de todos os animais sob seu cuidado e afirma que faz o que gosta e, por isso, não trabalha com o jeans (Estou..., 2019, 40min11s). Ao contrário de grande parte da população de Toritama, que encontra no jeans a principal forma de sustento, Canário parece estabelecer com o trabalho uma associação entre afeto aos animais, prazer e pertencimento, na contramão do discurso hegemônico do consumo e da produtividade.

Nessa esteira, Dardot e Laval (2016, p. 401) afirmam que esse movimento de resistência a *governamentalidade neoliberal* deve ser uma dupla recusa, qual seja, “[...] a recusa de se conduzir em relação a si mesmo como uma empresa de si e a recusa de se conduzir em relação aos outros de acordo com a norma da concorrência”. Nesse sentido, embora seja possível identificar formas de resistência individual ao trabalho com o jeans, é no âmbito da coletividade que se poderia vislumbrar efeitos mais significativos na produção de subjetividades, a partir do deslocamento de uma subjetividade marcada pela individualidade, pela concorrência e pela desigualdade para outras que se constroem a partir da coletividade, pautadas na cooperação e na busca por maior igualdade e equidade.

Nesse sentido, pode-se dizer que a resistência pode operar nas práticas de constituição de si e de subjetivação que escapam, em certa medida, à racionalidade produtiva dominante. Tais práticas apontam para a possibilidade de invenção de si em meio às forças de normalização, revelando que a resistência não se manifesta apenas em grandes rupturas, mas pode emergir nos pequenos gestos, nos modos de conduzir a própria vida e em alguns poucos ‘nãos’ dirigidos às formas hegemônicas de trabalho e de sujeição.

5 CONSIDERAÇÕES: O ANTES E O DEPOIS DO CARNAVAL

[...]a vida insiste em ser mais que sobrevivência(Han, 2023, p. 12).

A partir do incômodo inicial, buscamos compreender de que maneira o trabalho intensivo, a (auto)exploração e o discurso do “trabalhar para si” se articulam à promessa de liberdade e autonomia, ao mesmo tempo em que capturam o tempo, o corpo e a vida dos/as trabalhadores/as. Em outras palavras, este artigo teve como objetivo problematizar os modos de vida e de trabalho em Toritama (PE), tal como apresentados no documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, interrogando a aparente felicidade associada à lógica produtiva do jeans e analisando como a governamentalidade neoliberal opera na condução das condutas e na produção de subjetividades. Para isso, partimos da hipótese foucaultiana (1988) de que, onde há poder, há possibilidades de resistência, ainda que sutis, fragmentárias e não totalizantes.

Ao longo da análise, evidenciou-se que o documentário constrói um retrato contundente de um cotidiano atravessado pela aceleração do tempo, pela dissolução das fronteiras entre vida e trabalho e pela responsabilização individual pelo sucesso e pelo fracasso.

Em suma, no documentário, percebe-se que o/a trabalhador/a é incentivado/a a assumir a responsabilidade de gerir seu próprio tempo e arcar com as consequências de um gerenciamento considerado bom ou ruim, na lógica de que só quem trabalha (e trabalha intensamente) é quem obtém ganhos, o que nos remete a um velho ditado “Deus ajuda, quem cedo madruga”. Além disso, evidencia-se uma espécie de ilusão de prosperidade entre os moradores que, apesar de trabalharem o ano inteiro para aproveitar o Carnaval na praia, precisam, muitas vezes, vender eletrodomésticos e/ou recorrer a agiotas para poder viajar. E quando questionados sobre a venda dos eletrodomésticos – “[...] e quando voltar, como é que vai ser?” –, respondem de forma naturalizada: “Aí é trabalhar pra comprar outra” (Estou..., 2019, 01h08min30s), evidenciando a lógica contínua de esforço e consumo que estrutura aquelas vidas que parecem esperar o carnaval chegar para poderem (sobre)viver.

Nesse contexto, a racionalidade neoliberal se manifesta não apenas nas condições objetivas de trabalho, mas sobretudo na internalização de discursos que naturalizam jornadas exaustivas, a informalidade e a concorrência permanente consigo mesmo. O

jeans, mais do que mercadoria, emerge como dispositivo de subjetivação, organizando ritmos, afetos, desejos e expectativas de futuro.

Longe de se apresentarem como grandes rupturas ou enfrentamentos diretos, as resistências mapeadas por nós no documentário aparecem como gestos discretos, cotidianos e, por vezes, ambíguos: a escolha por outras temporalidades, o vínculo com a terra, a recusa explícita ao trabalho com o jeans, a valorização do silêncio, o cuidado com os animais ou mesmo pequenas estratégias de desaceleração em meio ao ritmo produtivo. Tais gestos, ainda que não rompam estruturalmente com a lógica neoliberal, confirmam a hipótese de que a resistência se inscreve nas próprias relações de poder que buscam capturar os sujeitos.

No entanto, para encerrar, cabe aqui lembrar que a característica mais essencial do tempo é justamente sua passagem, sua irreversibilidade, o que significa que entre um antes do Carnaval e um depois algo se (re)produz e/ou algo se perde (John, 2015) e não há como voltar.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. S. Cidade inteligente e governamentalidade algorítmica: liberdade e controle na era da informação. *Philosophos – Revista de Filosofia*, v. 23, n. 2, p. 211-252, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/52730>. Acesso em: 24 ago. 2026.

ALVES, M. A. S. La gouvernementalité algorithmique en perspective (A governamentalidade algorítmica em perspectiva). *YouTube*, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5CbvmSlo&t=186s>. Acesso em: 24 ago. 2026.

AZEREDO, L. A. S.; MASCIA, M. A. A.; SILVEIRA, C. R. Tempo, governamentalidade e autorresponsabilização na docência. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 28, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/11311>. Acesso em: 24 ago. 2026.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BLOG CENÁRIO. Prefeitura de Toritama apresenta nova marca institucional. *Blog Cenário*, por Américo Rodrigo e Karol Matos, 18 ago. 2025. Disponível em: <https://blogcenario.com.br/2025/08/18/prefeitura-de-toritama-apresenta-nova-marca-institucional>. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho. *Portaria nº 1.129, de 13 de outubro de 2017*. Dispõe sobre os conceitos de trabalho forçado, jornada exaustiva e condições análogas à de escravo para fins de concessão de seguro-desemprego ao trabalhador que vier a ser resgatado em fiscalização do Ministério do Trabalho, [...]. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 out. 2017.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *MTE atualiza o cadastro de empregadores que submeteram trabalhadores a condições análogas à escravidão*. Brasília, DF: Ministério do Trabalho e Emprego, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Abril/mte-atualiza-o-cadastro-de-empregadores-que-submeteram-trabalhadores-a-condicoes-analogas-a-escravidao>. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRASIL. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. *Portaria SEPT nº 1.417, de 19 de dezembro de 2019*. Revoga atos infralegais do extinto Ministério do Trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2019. Disponível em: <https://www.normaslegais.com.br/legislacao/portaria-sept-1417-2019.htm>. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Cadastro de Empregadores que tenham submetido trabalhadores a condições análogas à escravidão*. Brasília, DF: MTE, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/areas-de-atuacao/cadastro_de_empregadores.pdf. Acesso em: 24 ago. 2026.

CALEGARI, L. F. A Portaria nº 1.129/2017 e o retrocesso no combate à escravidão contemporânea. *Jusbrasil*, 18 out. 2017. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-portaria-n-1129-2017-e-o-retrocesso-no-combate-a-escravidao-contemporanea/510996392>. Acesso em: 24 ago. 2026.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR. Direção e roteiro: Marcelo Gomes. Produção: João Vieira Jr. e Nara Aragão. [S. l.]: Carnaval Filmes; Misti Filmes; REC Produtores Associados, 2019. 1 filme (86 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ms84S1JTAYg>. Acesso em: 24 ago. 2026.

FIMYAR, O. Governamentalidade como Ferramenta Conceitual na Pesquisa de Políticas Educacionais. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8308>. Acesso em: 24 ago. 2026.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. 7º. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*: curso dado no Collège de France (1978- 1979). Edição estabelecida por Michel Senellart; sob a direção de François Ewald e 173 Alessandro Fontana; Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado.. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *Naissance de la biopolitique*: cours au Collège de France (1978–1979). Édition établie par Michel Senellart, sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana. Paris: Gallimard: Seuil, 2004.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977–1978). Tradução de Eduardo Brandão. 1º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 2001. v. 2.

HAN, B.-C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, B.-C. *Vita contemplativa ou sobre a inatividade*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Toritama: panorama*. Rio de Janeiro: IBGE, c2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/toritama/panorama>. Acesso em: 24 ago. 2026.

JOHN, D. *Reinventar a vida: narrativas e ressignificação na análise*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

MATOS, O. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. *ComCiência*, Campinas, n. 101, 2008. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400008&lng=p&nrm=iso. Acesso em: 24 ago. 2026.

PETERS, T. The Brand Called You. *Fast Company*, [s. l.], n. 10, 31 aug. 1997. Disponível em: <https://www.fastcompany.com/28905/brand-called-you>. Acesso em: 24 ago. 2026.

PIRES, A. M.. MPT-PE se reúne com municípios para discutir condições de trabalho em polo de confecções. *Revista Proteção*, Novo Hamburgo, 10 jul. 2024. Disponível em: <https://protecao.com.br/noticias/geral/mpt-pe-se-reune-com-municipios-para-discutir-condicoes-de-trabalho-em-polo-de-confeccoes>. Acesso em: 24 ago. 2026.

PRONI, M. W.. *História do capitalismo: uma visão panorâmica*. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 1997. 43 p.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROUVROY, A.; BERNIS, T. Gouvernamentalité algorithmique et perspectives d'émancipation. *Réseaux*, v. 1, n. 177, p. 163-196, 2013. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-reseaux-2013-1-page-163?lang=fr>. Acesso em: 24 ago. 2026.

SAROLDI, Nina. *O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na era da globalização*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, B. R.; GOMES, S. H. A.; MARICATO, J. M. O consumo enquanto vetor de subjetivação. *Revista Panorama – Revista de Comunicação Social*, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 173-185, 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/3475>. Acesso em: 24 ago. 2026.

SOUZA, L.-M. T. M. Strategic complicity in neoliberal education internationalization: The case of the production of entrepreneurial subjects in Ciências sem Fronteiras. In: MACIEL, R. F.; TILIO, R.; JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E. C. (org.). *Linguística aplicada para além das fronteiras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 205-216.

BORDIN, T. M. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, Natal, RN, n. 10, p. 225-235, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/5088>. Acesso em: 24 ago. 2026.

TORITAMA (PE). Prefeitura Municipal. *Feira do Jeans*. Toritama, PE: Prefeitura Municipal de Toritama, c2022a. Disponível em: <https://toritama.pe.gov.br/feira-do-jeans/>. Acesso em: 24 ago. 2026.

TORITAMA (PE). Prefeitura Municipal. Prefeitura de Toritama. Toritama, PE: Prefeitura Municipal de Toritama, c2022b. Disponível em: <https://toritama.pe.gov.br/>. Acesso em: 24 ago. 2026.

VINCI, C. F. R. G.. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 195-219, jun./set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8637554/5245>. Acesso em: 24 ago. 2026.

ZUBOFF, S. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M.; GUILHON, L.; MELGAÇO, L. (org.). *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68.



Recebido em 26/04/2026. Aceito em 27/09/2026.

Publicado em 15/10/2026.